

Mão viva

DIRECTOR. VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I - N.º 33 — PREÇO 3\$50 — 16/2/77

DE SEMANA A SEMANA

“O pagador de promessas”

O dr. Mário Soares acaba de partir para a Europa a negociar a entrada de Portugal no Mercado Comum. Que trunfos terá levado na sua mala, não o sabemos. Mas bons trunfos terão sido, a avaliar pelas declarações de Medeiros Ferreira à TV, no passado dia 8, e pela pressa com que a maioria dos parceiros da CEE o avisou das dificuldades que iria encontrar.

Terá ido na sua bagagem a promessa duma florescente banca privada, ou o fim da Reforma Agrária? Estará lá a desvalorização do escudo ou o fim do controlo operário? Ou, o que é mais provável, de tudo um pouco? Quem o sabe? Não, com certeza, os trabalhadores deste país, os criadores de toda a sua riqueza que, ao fim e ao cabo, é o que vai ser agora negociado nas capitais europeias.

Antes de quaisquer compromissos assumidos será oportuno, embora uma larga soma de afirmações oficiais nos permita concluir que será também inútil, perguntar se um país que caminha para o Socialismo deve aderir ou não ao Mercado Comum. Um Estado que, nos termos constitucionais, «tem por objectivo assegurar a transição para o Socialismo» e entre cujas tarefas fundamentais se encontra a de «socializar os meios de produção e a riqueza», pode aderir à CEE, com um estatuto de pleno direito, sem comprometer irremediavelmente os caminhos que se dispôs trilhar?

Não seriam possíveis formas de adesão que, sem tornarem inviável a transição para o Socialismo, pudessem também servir interesses dos parceiros da CEE?

Por outro lado, que governo terá o direito de comprometer o futuro do seu país numa via que não provou ser a melhor, nem a única, sem, de antemão, proceder a uma consulta directa ao povo português? Outros governos, que não se reclamam mais de democráticos do que o do dr. Mário Soares, o fizeram.

Entendemos ser duma evidente necessidade o debate e esclarecimento público de tão importante problema para que os portugueses, com verdadeiro conhecimento de causa, se possam pronunciar sobre a conveniência da adesão, o estatuto em que se deve acordar e o limite das concessões a fazer.

O povo português e particularmente os trabalhadores deste país, criadores de toda a sua riqueza, têm uma palavra a dizer. E esperam que o dr. Mário Soares não haja levado para a Europa, na sua bagagem, aquilo de que não pode dispor, promessas que não pode cumprir, valores que, sendo pertença de todo um povo, só esse mesmo povo tem legitimidade para ceder.

Esperamos todos que não seja o chefe do governo, medalha de ouro da democracia, a fazer letra morta do preceito constitucional que define o Estado português como «democrático e baseado na soberania popular».

O povo português, porque vai ser ele, como sempre tem sido, o pagador das promessas dos seus governantes, exige saber de antemão se as pode pagar.

HABITAÇÃO

DESPEJOS

Uma das grandes nódoas no capítulo dos problemas da habitação, (e dizemos nódoas pois disso se trata numa sociedade que diz «caminhar para o Socialismo»...) é o despejo.

A Constituição no seu artigo 65.º fala em «habitação adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar». Será para fazer cumprir este artigo que se despejam famílias pobres, desempregadas, de barracos autênticos, únicas hipóteses monetárias destes agregados? É para as mudar para as tais habitações «adequadas, etc. ...»? Não. Os despejados vão para a rua. Chefes de família desempregados, inválidos ou doentes, mulheres grávidas, crianças famintas ficam repentinamente sem tecto que os albergue, ou vêm-se mesmo expulsos das escadas do prédio donde tinham sido despejados, por uma carga de polícia de choque às 3 horas da manhã, como já aconteceu na capital!

A lei e muito em especial os tribunais estão abertamente do lado do senhorio. Pensar-se que inquilino e senhorio estão em pé de igualdade é

ficção, utopia. E se não vejamos: o Código Civil não dá quaisquer direitos aos inquilinos. Um pequeno pretexto é suficiente para o despejo. Nem o pagamento da renda pontualmente pode tranquilizar o inquilino da sua segurança! Felizmente vários são os senhorios que honesta e conscienciosamente se comportam.

Ao Governo muito se tem a criticar. Se lermos com atenção notícias de despejos verificados ultimamente vemos com muita apreensão a total adesão das forças da ordem a estes actos. E com que eficiência: dezenas de elementos, metralhadoras, capacetes e viseiras!!! Há como que um «mostrar quem manda, quem tem o poder» da parte do Governo que revela neste campo uma fobia angustiante a tudo o que cheira a Comissões de Moradores, tudo o que sugira essa «tenebrosa» palavra que é o Poder Popular.

E as poucas leis que começavam a fazer luz na escuridão do mundo das prepotências senhoriais, da sublocação

(Conclui na pág.º 3)

Mais um desastre na passagem de nível

Há poucos dias, a passagem de nível sem guarda do Bairro Piscatório foi cenário de mais um desastre que por pouco não foi fatal. E a C.P. continua a assistir, impassível, a acidentes e mortes sucessivas que se passam, ali, na sua propriedade. A indignação ocorre a toda a gente, aos jornais, menos à C.P.. Que desconhece (?) até que é a boa vontade de um reformado que, gratuitamente, tem evitado que o rol das vítimas seja ainda maior, com a ajuda desinteressada que presta aos automobilistas que utilizam aquela passagem.

Pensámos que a Câmara de Espinho não estaria por certo indiferente ao problema. Puseram-nos lá ao corrente dos esforços feitos, até agora sem resultado. A última das diligências da Câmara aparece-nos um ofício, dirigido ao Engenheiro-Administrador da C.P. e que nos parece bastante significativo. Por isso aqui o transcrevemos:

Incluso remeto um recorte do «JORNAL DE NOTÍCIAS» onde se dá conta de mais um desastre na fatídica passagem de nível do Bairro Piscatório.

Apesar de todas as diligências efectuadas pela Câmara junto dessa Companhia e de toda a boa vontade manifestada por V. Ex.cia, chega-se à lamentável conclusão de que não foi possível avançar um passo na resolução do problema e que a passagem de nível, com todos os seus perigos, lá continua, à espera de mais vítimas.

Este estado de coisas não pode continuar, a vida das pessoas — fenómeno que não se repete — não pode estar à mercê de peias burocráticas que tudo emperram. Se a solução do problema ultrapassa a competência de V. Ex.cia, agradeço que o diga, porque então a Câmara representará junto de quem de direito a fim de acabar com uma situação que há muito atingiu as raias do escândalo.



Começaram já as obras, como já havíamos dito, da 1.ª fase do conjunto habitacional da Ponte de Anta, que trará 226 novos fogos.

NOTÍCIAS

Grelo com liamba...

Foi detido no passado dia 4, pelas 22 horas, pela PSP local no lugar do Tanque — Silvalde, José de Sousa Cardoso, «Zé Grelo» de 23 anos, desempregado e residente em Silvalde. Por o mesmo, no acto da detenção ser portador duma embalagem contendo uma porção de estupefaciente liamba e dum pequeno frasco contendo um líquido escuro que se supõe seja também relacionado com droga.

A Polícia deslocou-se ao lugar por momentos antes o sr. Fernando Costa se ter queixado de ter sido assaltado à mão armada por dois indivíduos, de cara coberta, que lhe furtaram 26 mil escudos e alguns cheques que com ele trazia e logo em seguida se puseram em fuga.

O sr. Fernando Costa acusa o «Zé Grelo» de estar relacionado com o assalto, já que este há tempos atrás trabalhou na sua fábrica e estava portanto a par de como se processa a cobrança.

O processo elaborado pela Polícia foi entregue ao Tribunal.

Associação de Pais da E. I. C. E.

Foram concluídos os trabalhos de arranque da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Industrial e Comercial de Espinho com a eleição dos primeiros Corpos Gerentes. A eleição realizou-se no último dia 5 em Assembleia Geral, com um número de sócios inferior ao habitual. A única lista apresentada teve 51 votos e houve uma abstenção. Os nomes são os que se seguem:

- Adão Manuel Simões, Tesoureiro.
- Georgina Manuela de Freitas e Silva Beleza, Vogal.
- António Lino Gomes Pinto, Vogal.
- Joaquim Moreira Natário, Vogal.

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

- José Silva Timóteo Pereira, Presidente.
- Lino Ferreira da Rocha, 1.º Secretário.
- Domingos Maria Santos Cálix, 2.º Secretário.

CONSELHO FISCAL

- Albano Fernandes Teresinho, Presidente.
- Manuel Reis, Secretário.
- António Conceição, Relator.

HABITAÇÃO

«No sector público a solução»

No artigo com este título publicado no último número várias imprecisões foram expressas por motivos que nos transcenderam e de que não fomos directamente responsáveis.

Aqui vão as correcções:

Primeiro, nas obras de novas habitações feitas pelo sector público não citamos por lapso a construção já muito avançada de um bloco habitacional junto à Caixa Geral de Depósitos.

A segunda correcção aplica-se ao que expressamos quando falamos em «o estipulado no contrato assinado com a Câmara» pela SOLVERDE, o que não é correcto pois o contrato foi feito entre a SOLVERDE e o Governo.

As nossas desculpas.

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 17 — Quinta-feira — «A PROMESSA» — Maiores de 18 anos.

O aparecimento de um filme do novo cinema português no programa de um cinema de província justifica uma especial saudação.

Dispensamo-la não pela sua qualidade, que é muito limitada, mas sim pelo estímulo que representa para os cineastas portugueses o contacto das suas obras com o público a quem elas são dirigidas, e que muito raramente se concretiza. As distribuidoras têm um bom quinhão de culpa nisso, mas por outro lado alegam que a sua função não é a de «Mecenas»... De quem será a culpa?!

Dia 18 — Sexta-feira — «SACCO E VANZETTI» — Maiores de 18 anos.

Com uma exibição já tardia, mas ainda muito oportuna, é-nos possível tomar conhecimento, através deste excelente filme realizado e interpretado por Gian Maria Volonté, do que foi (e ainda é) o célebre e obscuro caso que envolveu aqueles dois personagens, há meio século nos Estados Unidos.

Pelo rigor histórico e pelo louvável trabalho daquele consequente cineasta, aconselhamos vivamente o leitor a não deixar de ver este filme. Sem dúvida, um dos melhores do ano.

Dia 19 — Sábado — «MUITO NOVO PARA MATAR» — Maiores de 14 anos.

Algo poderíamos dizer acerca desta película, mas achamos por bem que tudo se pode resumir nisto: «E mais um para esquecer, de preferência a ignorar». Que assim se faça...

Dia 20 — Domingo — «COMO, QUANDO E COM QUEM» — Maiores de 18 anos.

O realizador deste filme, António Pietrangeli, não é de desprezar totalmente, mas de um filme produzido em 1968 e versando um tema cada vez mais estafado, muito pouco haverá a gabar.

Quanto às «cenças eventualmente chocantes» poder-se-á dizer que é mais a pretensão do que outra coisa. O «chamariz» é flagrante.

Dia 22 — Terça-feira — «A GRANDE CORRIDA A VOLTA DO MUNDO» — Maiores de 10 anos.

Filme realizado pelo criador da já célebre «Pantera Cor-de-Rosa», é um bom motivo para apreciar uma comédia, muito «american-style», que proporciona momentos agradáveis, e sem necessidade de recorrer à piada imbecil. A ter em atenção.

CASINO

Dia 16 — Quarta-feira — «SEMANA DO ASSASSINO» — Maiores de 18 anos.

Triste fado o das produções espanholas que para cá vêm.

Se não conhecessemos obras de Buñuel, Saura, Bardem e poucos mais, ficaríamos a pensar que a cinematografia do país vizinho era pior que a nossa, atendendo, é claro, às respectivas pretensões.

Este filme é de «aterrorizar». Por isso é de fugir...

Dia 17 — Quinta-feira — «QUE DEMÓNIOS SE OCULTAM NA ESCURIDÃO» — Maiores de 18 anos.

Pelo seu elenco, que adiante referimos, se verifica que os produtores apostaram em pleno nesta realização. A presença de Shelley Winters, Mark Lester, Ralph Richardson, Lionel Jeffries e Hugh Griffith, é valor de peso, especialmente junto dos espectadores que se interessam pelo conhecimento dos intérpretes.

No entanto algo falhou. Com intenções de envergadura, não conseguiu fugir à vulgaridade de outros filmes congéneres. E é pena.

Dias 18, 19 e 20 — Sexta-feira, Sábado e Domingo — «FOGO REAL» — Maiores de 18 anos.

Referirmos aqui a má qualidade deste tipo de filmes provenientes da União Indiana, é já «malharmos em ferro frio».

Esta fita aborda uma historieta policial, com manifestações folclóricas pelo meio. Num todo: uma pepineira que se arrasta durante mais de duas horas e meia.

Dia 21 — Segunda-feira — «PRONTO A DISPARAR» — Maiores de 18 anos.

Alguém concebeu o pretexto: «Pôr a Ursula Andress a despir-se e a vestir-se, vezes sem conta, independentemente do local e da temperatura ambiente».

Alguém mais arranjou um argumento como pano de fundo.

Perante isto, só pretendemos aconselhar outro-alguém, o leitor, a não alinhar em esquema tão gratuito. A abominar.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 1 de Fevereiro de 1977, lavrada de folhas 89 verso a 90 verso do livro de notas para escrituras diversas A - Número 48, deste Cartório Notarial de Espinho, foi alterado o parágrafo primeiro do artigo quinto do pacto social que rege a sociedade comercial por quotas «ROCHA, RODRIGUES & ALMEIDA, LIMITADA», com sede e estabelecimento no lugar do Souto, freguesia de Silvalde, deste concelho, ao qual é dada a seguinte nova redacção:

QUINTO — PARÁGRAFO PRIMEIRO — Os actos e contratos que, pela sua natureza, envolvam responsabilidades para a sociedade poderão ser firmados por qualquer dos gerentes, assim como os actos de mero expediente.

Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 2 de Fevereiro de 1977.

O Ajudante do Cartório,

(a) José dos Santos Sil

(«MARE VIVA», N.º 33, de 16/2/1977)

FARMÁCIAS

- QUARTA — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331
- QUINTA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250
- SEXTA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320
- SABADO — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092
- DOMINGO — Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Telefone 920352
- SEGUNDA — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331
- TERÇA — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

FONSECA

TECIDOS — MODAS
Rua 19 n.º 275
Telef. 920413 ESPINHO

Mare Viva
SEMANARIO

Propriedade: NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director: Vítor Sousa

Fizeram este número:

Agostinho Chaves - Albertino Pinheiro - Ana Maria - António Letra - António Santos - Augusto Mota - Dário Capela - Eugénio Morais - Fausto Neves - Joaquim Fidalgo - José Cruz - Manuel Loureiro - Morais Gaio - Vítor Sousa.

Colaboração especial: Alberto Barbosa

Composição e Impressão
Oficinas Gráficas
da Casa Nun'Alvares — Porto

Granja

A « estrada » dos 40

O estado do troço da estrada Porto-Espinho, junto à estação da Granja, é conhecido de quem ainda se pode dar ao luxo de consumir gasolina por conta própria. Mas é ainda mais sentido pelos habitantes daquela zona.

Aqueles e a estes, em particular, não vamos dizer nada de novo. Novidade poderá ser para quem utilize os transportes colectivos (que já são também um luxo...) nas suas deslocações para o Norte e, dum modo geral, para todos os que não têm de fazer daquela «estrada» um ponto obrigatório de passagem.

Aquilo era mau há uns tempos atrás. Mas há cerca de um ano houve quem resolvesse fazer obras. E elas fizeram-se, alargando e pondo alcatrão, da estação até Miramar. Só que os resultados não foram brilhantes. E os buracos lá estão outra vez.

Da estação para sul não se mexeu. Nem mesmo na já célebre ponte, sobre o rio Prego, tão estreita, tão estreita, que, quando dois carros pequenos se conseguem cruzar, é caso para os automobilistas se gabarem da proeza.

Quer neste último troço (em paralelo e mais estreito), quer no outro «arranjado», os buracos só desaparecem quando vêm as chuvas e a água, em lençóis, cobre o piso, quase de berma a berma. Porque escoamento não consta que haja.

E, claro, os acidentes são coisa banal naquele sítio. Sobretudo junto à ponte, onde um camião, ainda há pouco tempo, derrubou o parapeito e veio acabar cá em baixo.

Com um tráfego tão intenso e em condições tão precárias que se faz para resolver o problema? Colocou-se, já lá vão uns anos, uma placa que limita a velocidade aos 40 quilómetros/hora. Mas a menos de 40 só andam os peões, as bicicletas e os automobilistas cons-

cientes ou que se intimidam com os buracos. Porque a maioria, é vê-los andar, descansados com a falta de policiamento.

Disto tudo não têm culpa os peões. Para além duma passadeira, junto à estação e já quase apagada, não há nada que os defenda. A não ser a agilidade que possam ter. Não há passeios, não há iluminação e quanto à ponte não há alternativa para a passar: esperar e dar uma corrida.

Para já não se falar no Inverno, onde, quem não queira «nadar» tem de circular pelo meio da estrada, com os perigos inerentes.

Para se ter uma boa ideia da gravidade do problema, lembremos que junto à estrada há uma capela, com muito movimento ao domingo, um café e um centro de reabilitação de deficientes motores e visuais.

Dizem que a estrada será arranjada e a ponte substituída quando se abrir a variante que ligará directamente a Espinho. Será uma desculpa, mas não serve. Porque até lá (quando?) os acidentes não vão esperar.

Paramos

Junta toma posse

Numa cerimónia simples e curta, a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Paramos transferiu os seus poderes à nova Junta de Freguesia. Estiveram presentes, para além dos elementos da Assembleia de Freguesia e de alguns (poucos) paramenses, o presidente e dois vereadores da Câmara Municipal de Espinho, bem como dois representantes da Assembleia Municipal:

João Baptista Costa, que integrava a C. A. cessante é agora presidente da nova Junta de Freguesia, usou da palavra, pondo em relevo a necessidade de haver por parte da população de Paramos uma colaboração com os órgãos locais, que permita a resolução dos problemas mais graves da freguesia.

Artur Bártolo, presidente da C.M.E., fez notar que a resolução dos inúmeros problemas da freguesia requer o esforço de todos e salientou as proporções graves que vem tomando a questão da habitação, referindo em particular ao lugar da Praia, que à Direcção de Urbanização de Aveiro parece dever ser arrasado.

Lembrou assim o presidente da

Ser peão na rua 33

Chamamos a atenção para o problema. Foram pessoas que o sentem diariamente, que diariamente têm de percorrer a pé a Rua 33, do trabalho para casa, de casa para o trabalho. Queixam-se de que, pouco acima da Avenida 24, deixa de haver passeios cimentados naquela rua com tanto movimento.

E têm razão. Sobretudo agora, com as chuvas, o perigo e o incómodo são o «pão nosso de cada dia» de quem sobe e desce aquela rua. O incómodo da água e da lama junto às bermas, ou o perigo de atropelamento para os que evitam a água e a lama e se arriscam mais dentro na estrada. Aqui, o trânsito intenso e veloz são uma ameaça constante para os peões, que não têm sequer uma iluminação suficiente que os defenda.

Sabemos que são inúmeros os passeios em mau estado na cidade. Sabemos também que a Câmara Municipal não poderá resolver todas essas situações a curto prazo. Poderá, sim, (e deverá) estabelecer prioridades. E aqui o caso da Rua 33 merece especial atenção.

Câmara uma questão de que já aqui falámos e que tarda em ser resolvida.



Nascente — Cineclube

Actividade para Fevereiro

— Ciclo «BURLESCO AMERICANO»

1 — Quinta-feira, dia 17, às 21.30 horas, no Salão da Piscina, o filme:

« O Simpático Vigarista »

de Irvin Kershner

2 — Quarta-feira, dia 23, às 21.30 horas, no Teatro S. Pedro, o filme:

« O Grande Conquistador »

de Herbert Ross

Nota: Para a entrada nas sessões de Cineclube é necessário apresentar o cartão de sócio, com a cota do mês de Janeiro:

Habitação

(Continuação da 1.ª página)

e dos bairros pobres se não foram anuladas pelo VI e actual Governos, substituíram-nas mesmo por outras que pioraram a situação.

O Decreto 445/74 de 12 de Setembro estendeu a todo o País a suspensão das avaliações fiscais para efeitos de actualização de rendas de prédios destinados a habitação, estabeleceu um regime de «bolsas de habitação», fixou coeficientes que permitem o aumento de rendas devidas por força de arrendamento de futuro, suspendeu o exercício do direito de demolição previsto na Lei 2088 salvo quanto aos processos de construção pendentes; proibiu a recusa por mais de cento e vinte dias do arrendamento de fogos destinados a habitação; estabeleceu a obrigatoriedade do contrato de arrendamento para habitação; punia severamente as demolições selvagens de prédios, e, facto que muitos ignoram, dizia expressamente que não podiam ser aumentadas as rendas de fogos sujeitos ao regime de renda limitada bem como a outros com objectivos sociais. O actual Governo destruiu essa norma

com a Portaria 726/76 e tem um projecto que contempla o aumento generalizado das rendas.

Toda esta situação foi agravada com a chegada dos retornados, tendo alguns deles procedido a despejos a fim de venderem as suas casas a altos custos. Os senhorios também foram altamente responsáveis por este agravamento da situação através de boicotes sistemáticos. Assim mantêm fechadas as suas casas, não contentes com o actual estado das rendas, inutilizam canalizações e telhados, conservam luzes acesas, arrancam papel das paredes, inutilizam escadas, etc., etc.

Com a acção destes elementos senhorios/retornados o panorama habitacional piorou: a um aumento desenfreado da procura, correspondeu uma descida abrupta da oferta. E o resultado está bem à vista!

Para a semana tentaremos localizar este problema na região, continuando assim com o tema Habitação.

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS

Núcleo de Espinho — Rua 62, n.º 251

Informam-se todos os associados de que se encontram já abertas as inscrições referentes ao programa para 1977 das

Viagens à União Soviética

Entre outras a realizar

Moscovo e Leninegrado — 8 dias — Esc: 12.070\$00 (tudo incluído)

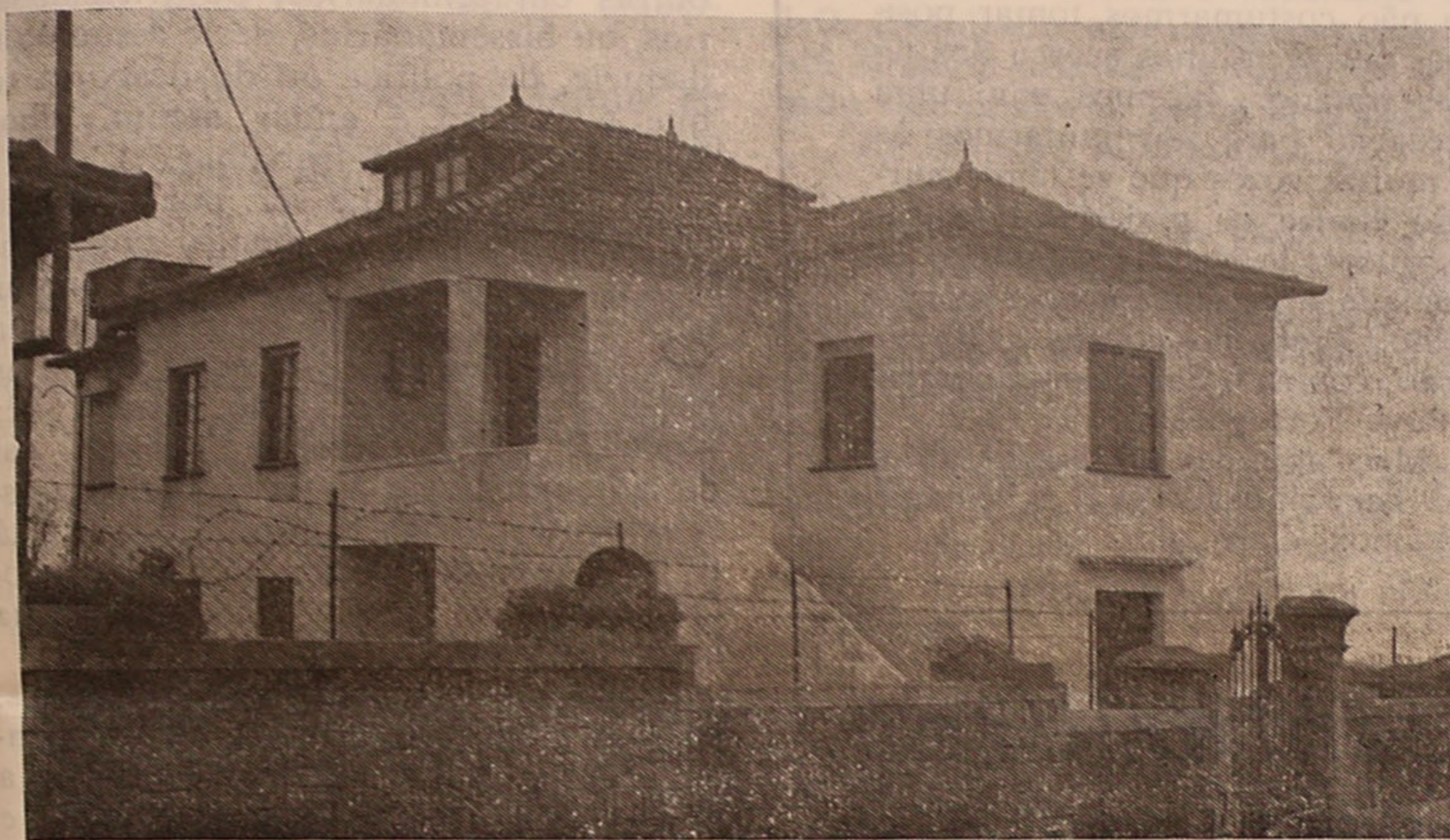
— Aceitam-se novas inscrições para sócios —

CERCI já funciona!

Fomos dar uma vista de olhos às instalações da CERCI, Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas, para vermos o que por lá se passa. Assim encontramos gente a trabalhar, pessoas que se entregaram generosamente a tão necessária tarefa. Logo que as instalações se encontraram em condições mínimas e embora sem mobiliário, esta especial escola entrou em trabalho, recebendo as inúmeras crianças infelizmente necessitadas da frequência de tal estabelecimento, se bem que apenas da parte da manhã. Actualmente já há mobiliário, o que custou cerca de 40 contos, e outros melhoramentos se fizeram. Assim quando chegamos vários trabalhadores dedicavam-se à tarefa de alcatifar a sala, com material cedido por várias in-

dústrias do ramo locais, assim como a própria mão-de-obra. Dentro de muito em breve a CERCI será oficialmente inaugurada e entrará a funcionar em pleno com actividades de manhã e de tarde e fornecendo almoços. O espaçoso jardim situado atrás do edifício será também aproveitado o melhor possível para utilização das crianças.

Muito se fez nesta equipa de pessoas que tomaram em ombros tamanho fardo e que apesar de o caminho ainda ser longo até à total realização da CERCI, não esmorecem no seu entusiasmo e generosidade. Há que alertar a população espinhense para esta obra de vulto que se está a fazer na Cidade. Visitem a CERCI, apoiem-na, acompanhem-na. Ela bem o merece.



MARÉ - RUA

Que jornais queremos?

A Comunicação Social sempre foi um foco de discussão e cavalo de batalha de muitas forças que nela vêem com razão uma arma de força. Muito se tem dito dela e em especial dos jornais, e sua proliferação; ultimamente, vários sectores se têm indignado contra a passividade das autoridades em face de certas publicações reaccionárias, no mais puro estilo fascizante, que têm aparecido. Outras discussões surgiram: imprensa privada e estatizada, «caça-às-bruxas» feita pela última após o 25 de Novembro, etc., etc., etc.

Para o «Maré-Rua» de hoje resolvemos saber o que é que o público aprecia num jornal, qual o modelo sugerido para que um jornal o conquiste para seu leitor.

O sr. Alfredo António Álvares, empregado de escritório, abriu a nossa lista de opiniões. Embora apressado, aturou-nos o tempo suficiente para sintetizar:

«Um jornal, pela sua importante função (muito especialmente nos dias que atravessamos) deverá ter sempre a maior honestidade e responsabilidade no seu trabalho. Qualidades que acho necessárias para que um jornal me satisfaça: função informativa, tentando dar as notícias com um mínimo de comentários, total apartidarismo e objectividade máxima».

Deixámos o sr. Álvares e ouvi-

(Continua na pág. 6)

Que dizem os jornais

Estava-se mesmo a ver...

1 — Eu estava mesmo à espera disto. E não sou adivinho. Nem profeta. Mas não era difícil de prever.

Quando se começou a falar mais nos pides, dizendo que estavam presos há demasiado tempo e era preciso julgá-los, houve logo quem fosse «prevenindo» os juízes: os «pides» eram apenas subalternos, não tinham responsabilidades, andavam a cumprir ordens; havia que ser indulgente com eles e

castigar, isso sim, os verdadeiros chefes, os responsáveis. Este argumento, que tem alguma verdade, mas não toda, esteve presente nos tribunais e terá até ajudado às sentenças tão leves que já aqui comentámos.

Foram aparecendo os chefes de brigada, mas os verdadeiros mandões, dizia-se, estavam por vir. E esta semana começou a falar-se de Silva Pais. O grande director.

Toda a gente espera que o grande culpado (pois era quem dava as ordens) seja punido exemplarmente. Mas aqui é que a porca vai torcendo o rabo. Imaginem o que foram inventar os ilustres «advogados» e defensores desse ser? Dizem que ele não pode se acusado de torturas ou violências cometidas sobre os presos porque se trata... da figura do Director-Geral! Esta, dizem ainda, não pode ser confundida com a do vulgar agente que dava porrada aos antifascistas.

Ou seja: os agentes não podiam ser castigados porque apenas cumpriam ordens; os chefes não podem ser condenados porque, embora os ordenassem, não executavam as macabras façanhas da «pide»! Oiçam e... pasmem!

Este é o país, estas as linhas com que nos cossem.

Desemprego

2 — Saiu nos jornais diários em local de pouco destaque. Era uma notícia simples, mas que convém reter.

Julgava-se um homem por assalto a uma ourivesaria. No fim já, o juiz perguntou-lhe se queria acrescentar alguma coisa. Ele quis.

Era desempregado, não sei há quanto tempo. Não via grandes esperanças de arranjar emprego. Por causa disso é que teria cometido o assalto. Agora pedia ao juiz que, se possível, o condenasse. Pedia ao juiz que o conde-

(continua na pág. 6)

COTESI

Conforme «Maré Viva» já noticiou em números anteriores, cerca de 200 trabalhadores do sector químico da «COTESI», têm, estado em luta pelo cumprimento do Contrato Colectivo do seu Sindicato. Como resposta, a Administração, contando com a conivência das entidades do Ministério do Trabalho, suspendeu os trabalhadores. Dias depois, no prosseguimento das suas atitudes intimidatórias, a Administração instaurou processos disciplinares a 66 trabalhadores, ao mesmo tempo que convidava os restantes a apresentarem-se ao trabalho.

Segundo nos foi relatado, até à passada sexta-feira poucos tinham sido os trabalhadores que acederam ao convite, mantendo-se os restantes não só solidários com os companheiros mas também aguardando que a Administração em vez de continuar a usar de prepotências, se resolva a cumprir o Contrato Colectivo de Trabalho.

AGOSTINHO PEDROSA

Médico Especialista em Doenças de Criança

Consultas às 2.^a, 3.^a, 5.^a e 6.^a
Marcações desde as 15 horas

Consultório: Rua 19 n.º 343 — 1.º
Sala - B — Telef. 920634
Residência — Telefone, 9620795

GAZETILHA

Que raio de inverno é este?!

*Dias de Inverno, húmidos, sombrios,
Alternando com fortes aguaceiros...
Mar de lama os caminhos. Fugidios,
Não há melros nas sebes de loureiros.*

*Com tanta neve, está bonita a serra,
Toucadinha de branco nas alturas...
Mas gela o povo na transida terra
E há sem abrigo pobres criaturas...*

*— Não! Não está bem! Já há Inverno a mais!
Eu quero protestar contra o abuso!
Coisa assim, nem no tempo dos meus pais...
E eu já, de bisavó, veneras uso!*

*Um «manda-chuva» que anuncie agora
Um tempinho que seja mais decente,
Que o mês de Fevereiro está na hora
De nos brindar... com qualquer coisa quente!*

*Reveja, pois, o Sol o seu programa
E surja em força, mesmo sorrateiro...
— Até porque o Fevereiro tem a fama
De que matou a mãe... ao soalheiro!*

Alberto Barbosa (BEKA)

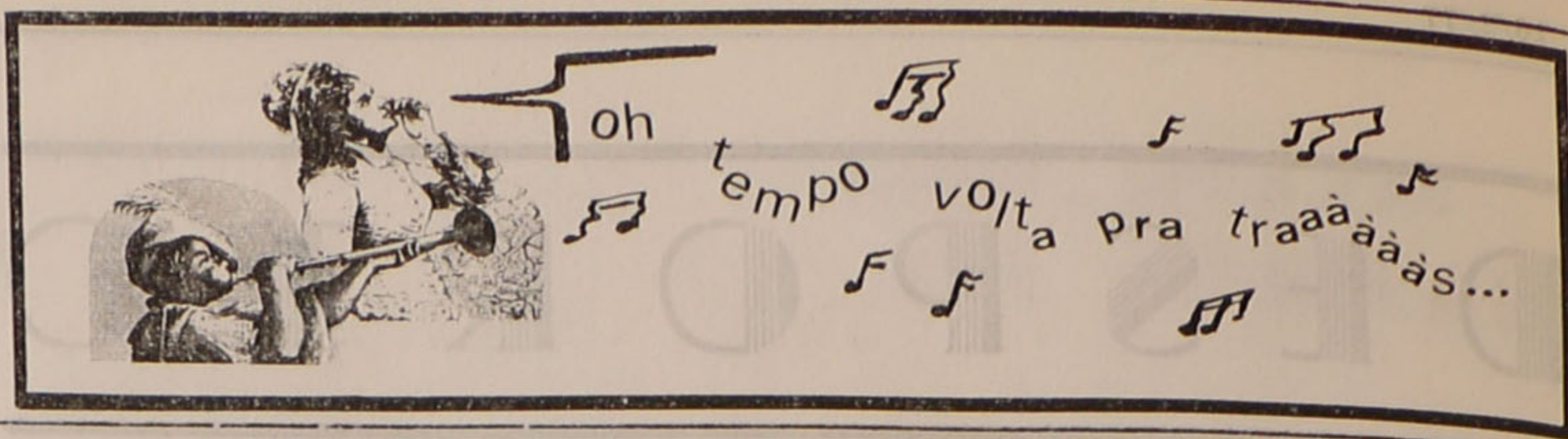
CARNAVAL DE FINALISTAS
DO
LICEU DE ESPINHO



6.º feira 18, às 22
no
Salão do Casino

«MARÉ VIVA» o
Jornal da região

Maré Viva



V E M A Í O F E S T I V A L !!!

Festival da Canção para quê?

Até que ponto o Festival da Canção justifica um página de um jornal regional?

Pretende-se levar ao conhecimento das pessoas alguns aspectos relacionados com essa «maquinação» chamada FESTIVAL, descoberta um dia para reforço da estupidificação ao domicílio através da T.V. e dos circuitos comerciais da canção, das vedetas, dos espectáculos ditos «musicais». Estupidificação essa levada, muitas vezes, até ao limite, numa sociedade de consumo típica, isto é, sem qualquer tipo de preocupações culturais, sem intuítos de formação e de valorização humanas, antes preocupada com o «consumo» indiscriminado de produtos, neste caso de discos, que faz crescer as bolsas dos monopolistas da música comercial.

A alienação provocada pelos FESTIVAIS deste tipo manifesta-se mais nos países subdesenvolvidos, onde as motivações culturais não existem, onde as pessoas não têm horizontes musicais vastos que possam provocar uma escolha, uma opção, uma separação entre aquilo que é «trigo» e aquilo que é «joio».

Os FESTIVAIS têm cumprido amplamente a função para que foram criados. A burguesia sabe divertir-se com aspectos que lhe dão lucro. E a contribuição de Portugal, neste aspecto, tem sido notável. Lembremos, por exemplo, uma

canção mais que medíocre («Puppet on a string» cantada por uma inglesinha tonta chamada Sandie Shaw) que, apenas porque venceu um EUROFESTIVAL (como é conhecido o Festival da Canção da Eurovisão) atingiu uma quantidade de vendas assombrosa tornando os seus autores milionários e a empresa distribuidora do disco (que de outra forma ninguém adquiriria) um dos mais poderosos meios de distribuição no sector.

O objectivo desta página de «Maré Viva» dedicada ao Festival da Canção comercial serve, assim, para uma análise ao fenómeno, numa altura em que no nosso país, após o 25 de Abril de 1974, os meios de comunicação voltam a «recuperá-lo», iludindo a boa fé dos portugueses que, neste momento, ainda se não aperceberam das razões que levaram ao desaparecimento de José Afonso, de Sérgio Godinho, de José Mário Branco, de Francisco Fainhas, de Fausto, de José Jorge Letria, etc., etc., da Rádio, da Televisão e das discotecas portuguesas e o reaparecimento crescente do Conjunto de Maria Albertina, de Max, de Amália Rodrigues, de Paco Bandeira, de Maria de Lurdes Resende, etc., etc. Só para não esquecer: José Afonso é o autor de «Grândola Vila Morena» e Max é aquele tipo que canta eternamente «A Mula da Cooperativa»...

RESENHA

Os Festivais anteriores

O Festival da Eurovisão começou para Portugal no ano de 1964. Constituiu «manifestação nacional». Era o «Povo Português», era a «Nação», era a tentativa de mostrar ao Mundo que este «país à beira mar plantado» cantava e ria, folgava e prosperava, (no outro lado do Atlântico continuava a guerra colonial). A «coisa» funcionava assim: tempos antes do FESTIVAL doméstico, abriam-se as portas para que o FESTIVAL passasse de boca em boca, de cabeça em cabeça, de cérebro em cérebro. O interesse do público pelo FESTIVAL era suscitado através da competição e da rivalidade (Madalena Iglésias CONTRA Simone de Oliveira; ou António Calvário CONTRA Artur Garcia). Os jornais e as revistas, a Rádio e a T.V. não se cansavam de incitar essas rivalidades, os nossos ouvidos

eram flagelados de manhã à noite pelas «canções» das «vedetas». Depois havia o concurso e o «vencedor» era idolatrado. A partir de então as rivalidades acabavam. Tratava-se de «Portugal», era um representante de Portugal como se fosse o primeiro-ministro ou o Presidente da República (pensando bem, onde estava a diferença?). Era a «honra» do País que estava em jogo. Todos por um e um por todos (no futebol era a mesma coisa: os sportinguistas aplaudiam o Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus, para no domingo seguinte, a nível interno se esmurram mutuamente...).

Depois... era a «desilusão». Afinal, lá fora ninguém dava pontos a Portugal! E invocavam-se razões as

(Conclui na pág. 6)

O Festival deste ano

Neste ano, o Festival reassume o seu papel alienatório. A RTP não se satisfaz apenas com o inconcebível «O GESTO É TUDO» ou com o execrável «LIGEIRÍSSIMO» (aquele último dedicado à «Noite de Portugal» então é que fica nos anais...). Com grande dose de sadismo, desenterra canções e cançonetistas que se julgava («santa ingenuidade» a nossa!) definitivamente enterrados. Volta, em força, o conjunto de Maria Albertina e as cançonetas choradinhos do tipo «Vem-meu amor - aos meus braços - por-

que - eu - sou - só - de - ti - e - tu - és - só - de - mim...». Reacende-se o «aspecto nacional» da questão, mete-se o Festival, durante vários dias, na programação da RTP.

E acusa-se o «gonçalvismo» de, durante dois anos, ter impedido o povo português de tomar contacto com «tão influente forma de cultura e conscientização política...».

Realmente, «parece impossível»...

«E depois como é que poderemos pertencer à Comunidade Europeia?».

Dois aspectos à volta do Festival

Primeiro — Um dia, em 1963, João Abel Manta publicou um «poster» no «Diário de Lisboa». Esse «poster» desmascarava o espírito e o carácter reaccionário dos concursos em questão, ridicularizava a importância que lhes era atribuída. Era uma bandeira nacional a servir de cenário a um palco, onde uma «artista» de cabeça semelhante a uma esfera armilar, gritava chauvinismo com um microfone na mão. O jornal «Época», ninho de pides e de chacais marcelistas, levantou-se contra tal «heresia». A pida levou Manta e Ruella Ramos (director do «Diário de Lisboa») ao «tristemente célebre» Tribunal da Boa-Hora. No julgamento «virou-se o feitiço contra o feiticeiro» e o povo vitorioso os «réus», saindo a P.I.D.E. lixadíssima do meio daquilo tudo porque o juiz não só absolveu os réus como, na leitura da sentença, passou um atestado de debilidade mental aos acusadores.

Uma lição para os juizes pós-25 de Abril que se têm revelado muito maus alunos...

Segundo — Houve um ano em

que a RTP fez o seu festival apenas a nível doméstico. Venceu, então, Sérgio Borges («Onde Vais Rio que eu Canto»). A RTP mostrou a sua faceta «revolucionária» e «rebelde», oficiando à Eurovisão que o concurso das canções era uma vigarice, uma vergonha porque colocava sempre nos últimos lugares um país com grandes tradições musicais, enfim, o fado, o fandango, o rancho de Santa Marta de Portuzelo, isso tudo e até se falou do Papa «porque, vocês deviam ver que Portugal expande a fé cristã pelo Mundo desde os tempos mais remotos e defende a Civilização Ocidental, aliás a primeira canção que apresentámos no Festival da Eurovisão chamava-se «Oração» e falava de Deus e da Igreja em termos correctos», bla, bla, bla, Deus, Pátria, Autoridade, e que não esquecessem do D. Henrique e do Condestável Nuno Álvares, bla, bla, e «os novos mundo ao mundo» bla.

O amuo da RTP só durou um ano. No ano seguinte lá voltou, mais confiante do que nunca.

E mais uma vez, a canção portuguesa ficou nos últimos lugares...

NASCENTE — CINECLUBE

5.ª-feira, dia 17, às 21,30, na Piscina

«O Simpático Vigarista»



PORTE
PAGO